

35

A. Pimenta de Moraes

VITÓRIA  
DE  
SAMOTRÁCIA  
POEMAS



1953

Para o Correio da Larouva  
Com a homenagem e admiração  
do autor.

N. Iguassu, 18. 9. 1953.

VITÓRIA DE SAMOTRÁCIA

*A. Pimenta de Moraes*

**VITÓRIA  
DE  
SAMOTRÁCIA  
POEMAS**



1953

## NA ARA DE APOLÔ

E' ainda a Poesia a suprema arte. A beleza está para ela como as estrelas para o céu. Numa simples estrofe pode encerrar-se todo um mundo interior, um céu de junho, uma paisagem inteira, a própria vida. Num verso, como numa gota límpida de orvalho, cabem todas as cores e transfigurações. Na ante-manhã da existência, a forma de que se revestiu a linguagem humana foi a da imitação do ritmo das águas, rolando de pedra em pedra, em cadência musical. Quem diz música diz poesia. A expressão daquela é o som, desta, a sílaba. Ambas vieram irmanadas através da rede dos tempos. Os primeiros poetas, desprezados os aedos lendários Orfeu, Museu e outros, com seus hinos às divindades ao som de flautas verdadeiramente mágicas, Daví modulando ao "neble" ou "nablo", espécie de harpa, no Tabernáculo e no templo, seu Saltério, os padres brâmanes entoando durante os sacrifícios os hinos do Sama-Veda ou Veda das melodias, os primeiros poetas, repito, com o nome de rapsodos, cantavam episódios do mais antigo livro grego — Ilíada e Odisséia — no século IX ou VIII a. C., e os trovadores, na Idade Média, não procediam de outra maneira, de corte em corte e de castelo em castelo, suspirando seus amores ao som da cítara. Tanto é poeta, pois, Wagner quanto Chocano, Schumann quanto Alvares de Azevedo, Beethoven quanto Byron, Albeniz quanto Amado Nervo, Paganini quanto Lugones... E os verdadeiros criadores, aqueles que escreveram com sangue, no conceito do autor de "Assim falava Zarathustra", têm a vida eterna das águas e a grandeza sempre nova das montanhas. O verdadeiro artista é de todos os tempos. Sentimos o belo, quer através das páginas de Calidasa, Firdusi, Saadi, Li Tai-pe, Anacreonte, quer das de Dario, D'Annunzio, Pezoa Véliz, Stecchetti, Maria Felicia Solari de Gamboa, Edgardo Genta, Da Costa e Silva e outros. Arte é eternidade. Chega a esta quem vai àquela pela dor de viver, pela alegria de amar, pela insatisfação de produzir. Criar é torturar-se. A semente da idéia ou da emoção, é semente maldita. Arrebenta em flor na manhã de sol, para despetalar-se, rosa efêmera de Malherbe, ao fechar do

crepúsculo. E ao cair das pétalas, vai secando a árvore. Um tronco que morre, é um gesto que se paralisa, um beijo de côr que empalidece, um poema de perfume que se perde no ar. Num viver tão prosaico qual o do nosso século, num momento tão triste e inquieto da humanidade, por que não conservar as fontes reais da beleza? A música, a pintura e a poesia, sem fugirem seus cultores, nas formas expressionais das mesmas, da órbita da nossa compreensão, do nosso raciocínio, são tão necessárias ao homem moderno como o próprio trigo. Senti-las, porém, para vivê-las; vivê-las para expressá-las. Na fôrça da concepção a raiz da alma, mergulhada na terra leve da simplicidade. Literariamente, arrancar da grande noite que o envolve, o diamante esplêndido da poesia e alçá-lo, novamente, ao seu altar de luz, como o disco de um sol. Nem o galopar desenfreado dos potros da imaginação em arremetidas vandàlicamente inovadoras, nem a estagnação das águas naturais da inspiração. Arte nova, não nova arte. Conquistar a beleza, nunca violentar a beleza. Ir ao criado pelo já criado. Arrancar chispas de estrélas do granito bruto, vulgar. Fazer da literatura um apostolado de amor e abnegação, jamais um motivo para aparecer. Ferir o mármore informe com o carinho de quem toca o próprio coração. Não ser mais um escritor, ser o escritor. Que em cada página pulse toda a alma do seu criador. Sínta-se em todos os períodos a personalidade integral do artista. Ter no espírito o poder de um Deus e a prodigalidade da luz. Ver os homens e sofrer com os homens; abrir os olhos às côres da primavera e os ouvidos aos cantos dos pássaros; transver numa rã que coxa ou na "efêmera" que vive apenas o momento do amor; dilatar-se no corpo elástico do vento ou no penacho de fumo que busca um céu azul de porcelana; tir com o raio de sol que atravessa como aguda lâmina as sombras densas de calado abismo; enredar raízes com os vegetais e florescer; dar vida perene aos séres ou coisas em si mesmo ou de si mesmo. Projetar nos séculos o efêmero da vida. Redar aos seus semelhantes, transfigurado em sonora beleza, tudo o que anda em torno e já cansou os olhos comuns a êle afeitos. Numa palavra: criar. Novo Deus, do nada trazer o todo; num gesto apolíneo despertar o que dorme em sua "psiqué" ou apenas sublimar o que toca. Fazer da noite, aurora; da dor, alegria; da cinza, chama; da lágrima, apoteose de sonho... O poeta é o palhaço romântico de Banville, acróbata fantástico que, aos saltos pelo trapézio, acaba por rolar entre as estrélas. Por que, pois, não pedir

aos numes festas pelos ramos e casquinadas de luz pelos espaços, para receber um novo eleito que chega ao sólio do sagrado templo de Apolo? Um poeta é um Deus perdido entre os homens. Sua voz, que raramente afirma e quasi nunca nega, é uma revelação de beleza e encantamento, às vezes; outras vezes, uma pergunta eterna dentro da vida, fora da vida e além da vida.

No jovem que chega, não há os entusiasmos cosmogenésicos de Sábat Ercasty nem os arroubos volutuosos à Gilca Machado ou à Alice Lardé de Venturino; menos ainda, as desesperações e derrotismos do português José Duro, do grego Constantino Kavafy, do colombiano Assunción Silva, do brasileiro Augusto dos Anjos, do húngaro Ladislau Javor... mas existe sempre um motivo humano em cada poema, que convida à vida ou ao recolhimento espiritual. Se não surpreendemos também, sonoridades orquestrais de um Vargas Vila, de um Moacir de Almeida, de um Victor Hugo, em seus versos, a simplicidade, entanto, rola em cada estrofe, carreando as mais belas emoções. E, nesta altura, chôca-se o criador com a criação, manda a fôrça de uma sincera amizade que o diga. O que não empequeneca o autor nem desvirtua sua obra. Antes situa com maior realce ambos. E' a transfiguração do homem para arte e pela arte. Contudo, não pôde o vate fluminense fugir, aqui e ali, à monotonia natural do simples. Reflexo talvez da preocupação de sê-lo invariavelmente. E um pouco também da busca da rima, que parece, por vezes, atormentar o novo cultuador das musas. Andou, aliás, bem avisado Pimenta de Moraes em não desprezar as caprichosas rimas, pois, já sentenciara, em 1923, através das colunas de "La Nación", um dos mais agudos talentos da Argentina: "... no es el poeta quien abandona a la rima, sino la rima quien abandona al mal poeta, para que éste haga lo unico que puede hacer: es decir, prosa... Un poeta sin rima es un mendigo lastimoso. Es menos aun; pues por el mero hecho de no poder rimar, ha muerto. Claro es que eso, como toda miseria vanidosa, pretende encubrirse con el nombre de libertad. Mas la impotencia que revela, es la peor de las servidumbres. Curiosa prueba de dominio musical la que empieza aniquilando el instrumento..." Para finalizar assim: "Materialmente hablando, la poesía es verso; y esencialmente el verso es rima como el pájaro es ala." Os temas do jovem iguassuano não transcendem a órbita da vida do homem normal, entanto, dizem seus poemas muito e fundamente ao nosso sentir. Não

é um novi-romântico nem um modernista. É poeta. Simplesmente poeta. Anti-clássico por índole, sem as orgias obscurantistas das idéias e os infinitesimais silábicos tão ao gôsto dos pseudo-inovadores. Sua fertilidade criadora é sóbria, mas equilibrada. Porque Pimenta de Moraes tem consciência da verdadeira criação artística. Sabe que esta é a procura desesperada e desesperante do novo através do antigo; dizer coisas sabidas com palavras novas; cantar o amor, que foi coleio de serpente com Safo e lírica beleza com Hafiz, com inéditas combinações vocabulares e musicalidades consoantes com o século; ir ao criado pela vereda do profundamente sentido; ser voz do seu tempo ou do futuro sem deformar os limites exatos em que se agitam nossas inquietudes e paixões; em menos palavras — unir os polos aparentemente intocáveis, passado e porvir. Sem daí inferir-se o insurgimento do jovem estreinte contra a libertação estética, que comprehende e aceita, mas sem os cabotinismos à Marinetti. A libertação do verso está acorde com o século vertiginoso que vivemos. Como imperativo da época, surgiria fatalmente, apenas livre da zoada de guisos e falsos maracás, dos esgares das máscaras de última hora, das mágicas sediças, do carnaval extemporâneo imposto. O evolvimento natural das coisas, do meio e do sentimento, este corolário dos primeiros, traria a transformação do metro e da rima. Antes da chamada escola moderna, já existia o verso sem rima e medida de sílabas, qual o dos hebreus, dentre outros, na antiguidade, e o *hai-kai* nipônico, em períodos posteriores. E, em nossos dias, novas belezas em versos brancos, estão nas obras de Fagundes Varela e Olegario Mariano, para citarmos dois apenas; e efeitos magníficos de ritmos, nas páginas imperecedouras de Chocano e Hermes Fontes. Poderíamos dizer, numa tentativa de classificação, que a poesia de Pimenta de Moraes é um hífen atirado entre as correntes estéticas do passado e do presente. Assim seu livro talvez não agrade a alguns de nossos críticos, aos que envergam o último figurino estrangeiro e aos que permaneceram enterrados num chapéu-côco, porque não é bastante moderno para provocar o delírio dos esquerdistas, digamos assim, nem suficientemente velho para os aplausos da ala direitista. Negar-lhe-ão as faixas brochadas de vermelho, a publicidade sonora e luminosa, os excessos comerciais das vitrinas com retrato centralizando a pirâmide dos volumes estudadamente dispostos. Que importa! A poesia é para a vida livre de um veículo, de uma tarde no campo, de um alvorecer frente ao

mar ou para os momentos velados de uma sala esquecida acesa na noite, de um portão em penumbra, de um terraço ao luar. E num desses momentos de sonho, de recolhimento, de amor, de êxtase ou de melancolia, algumas destas estrofes trarão um estremecimento de gôzo ou de emoção, arrancarão uma lágrima de tristeza ou de inquieta alegria. Maior glória não espera um verdadeiro poeta. E Pimenta de Moraes é um beletrista de berço. Brasileiro? De nascimento apenas, creio. Ainda que os poetas não tenham pátria, sinto no autor que chega um europeu. Mais precisamente: um luso. O que talvez o envaideça. É o que atesta sua poesia não raro. Quanto vai nesta quadra da alma popular portuguêsa :

*"Oh, velha casa, berço meu !  
Casa branca,  
nobre e franca,  
és aquela que Deus me deu!"*

Do versejador erudito d'álém-mar, esta :

*"Cestos e cestos de morangos vermelhos,  
molhos e molhos de cravos,  
e braçadas de livros  
e sacos e sacos de pão."*

Sem, contudo, nos referirmos à "Saudação a Portugal", na qual procurou o vate fluminense, certo propositadamente, o estilo português e o jôgo de certas palavras. Aqui cabe dizermos ser estranhável preferir Pimenta de Moraes a decadência lusa ao repontar esplêndido do nosso continente. Deixou-se o jovem versejador arrastar-se pelas fantasias do por-que-me-ufanismo lusitano, quando em volta, ao alcance de suas mãos se quiosas, brota em luz, em côr, em perfume, em energia, em vida, o grandioso e belo do novo mundo. A América é um grito atordoante de beleza e liberdade. E seus filhos não podem, não devem fugir a êle. A or-

questração versânica e tumultuária de sua natureza virgem e grandiloqua, é uma epopéia desbordante, imensa, cósmico-vital. Talvez ficasse o poeta, por seu temperamento comedido, frio às vezes qual o de um chim, aturdido frente a tanta côr e tanta luz. Artista dos tons menores, da serenidade tagoreana, prefere os ambientes burgueses, as paisagens plúmbeas, os casarões de fachadas patinadas pelo tempo, os amores calmos à Julio Dinís, os serões desfiados à sombra de noturnos de Chopin... E o novo mundo foi criado por um Deus-Poeta esbanjador de belezas imprevistas. A nota constante na poesia de Pimenta de Moraes é o culto do passado com suas figuras austeras e meras sombras queridas, as pretas velhas e os velhos de barbas patriarcais, as mangueiras folhudas e, aqui e ali, como estrélas cadentes em noites feias — ingênuas aventuras de amor. E como é fascinador tudo isso dito pelo moço iguassuano! Fascinador e belo!

*"Adoro esta gente que não chora,  
que não ri, não canta, nem deplora.*

*Gente ácida como o fruto do limoeiro"*

.....

*"Gente de casa grande, farta de filhos,  
de patriarchas barbados como o velho Noé"*

.....

*"Que esconde dinheiro sob o colchão."*

Aí temos o homem desrido de preconceitos e vaidades a falar-nos de sua estirpe rude, mas honesta. Andou acertado ao colocar "Minha Gente", na abertura do livro. E' um dos melhores da coletânea, em sentimento, sinceridade e feitura. Já não se pode dizer o mesmo de "Minha Casa", onde a fantasia do poeta apagou em parte o tema, tão do seu gôsto. Refaz-se, contudo, em "A Canção do Lavrador", terceiro da série. E' um quadro fiel e humano:

— 10 —

*"Sim, sou da terra !*

*Se choro por ver nela enterrados os que amei,  
sem ela não me rio  
e não vi sorrir jamais os que me amaram.*

*Não rias por ser rude o meu ofício !*

*Lavro a terra,*

*Sou quase a própria terra !"*

"Macumba", de ritmo estranho, recórda-me, não sei por que, Muri lo de Araujo.

O Poema II, embora muito menos extenso que o I e pouco menor do que o III e IV, vale, sózinho, por todos. Repassa-o, por vêzes, uma resignação messiânica, dolorosa :

*"... Se queres entrar, Amigo, a porta está aberta..."*

*Outra coisa não tenho para oferecer-te."*

Hipotético, fantasmagórico, mas de ritmo embalador, é o poemeto em três quadras, de 7 pés cada verso — "O Cavalo Branco" :

*"Cavalo branco de neve  
Que eu vejo sempre chegar,  
Muito branco, muito leve,  
Galopando sobre o mar."*

"Indiferença" é tão grandioso em seu fundo e urdidura que, uma vez publicado, não pertencerá mais ao livro. Será de tôdas as coletâneas e todas as declamadoras. Poucas vezes conseguirá Pimenta de Moraes tanto em tão belos versos. Superá-lo, nunca.

— 11 —

"Há quem viva para amar.

Há os que amaram e não querem mais amar.

Há ainda os que nunca amaram...

Eu apenas passo sobre o amor."

Não prosseguirei. Antes abro ao pássaro canoro as portas largas do mundo. O vôo é longo e cheio de percalços. Cordilheiras de montanhas e planícies imensas se rasgarão em seu roteiro luminoso. Mas as asas que se espalham agora, são fortes e belas. Tempestades descerão sobre elas; céus escampos, porém, se sucederão às nuvens densas. E o pássaro azul continuará seu vôo. Com ele a Poesia.

JOSE' JAMBO DA COSTA

América Brasileira, julho de 1949

## MINHA GENTE

A MINHA AVÓ

Adoro esta gente que não chora,  
que não ri, não canta, nem deplora.  
Gente ácida como o fruto do limoeiro.  
Amarga, mas sem o fel do traiçoeiro.  
Rude, áspera e valente raça selvagem  
que cheira a suor, a resina, a campina.  
Rostos severos de linhas honestas... Gente feia  
que de amar se envergonha, mas odeia!  
Gente franca, sem pieguismos... Orgulhosa!  
Almas ingênuas — cheias de fé...  
Gente de casa grande, farta de filhos,  
de patriarchas barbados como o velho Noé.  
Gente de espada e enxada,  
que esconde dinheiro sob o colchão.  
Gente minha (gente que eu sou)  
como me enches de orgulho o coração.  
Gente que amo e como ainda ninguém amou!

1949

## MINHA CASA

### A MINHA MÃE

*Oh, velha casa, berço meu !*

*Casa branca,  
nobre e franca,  
és aquela que Deus me deu !*

*Altas paredes, caiadas de branco,  
Na larga fachada heráldica  
janelões que já se abriam  
às manhãs do outro século.*

*Portas pesadas,  
altas, rasgadas,  
deixaram passar a ventura,  
convidaram a Felicidade.*

*Telhados curtidos,  
por ventos varridos  
e por chuvas lavados;  
escuros telhados  
que não se desfazem às borrascas,  
às desditas, às traições,  
nem às duras maldições.*

.....

*Jardins floridos de roseiras.*

*Reseda, begônias brejeiras  
sob vermelhos caramanchões.*

*Timidas violetas, alecrim, tinhorões.  
Um pé de manacá, estéril e tristonho,  
plantado por meu avô. A um canto,  
um jasmimeiro risonho,  
que lembra tristeza, entanto,  
por florescer em Finados.*

*Algumas plantas medicinais,  
outras que afugentam os maus olhados,  
(ingênuas credíncias de meus pais).*

*Oh, velha casa, berço meu !*

*Casa branca,  
nobre e franca,  
és aquela que Deus me deu !*

*Amplas salas hospitaleiras  
de cujas paredes pendem, entre outros,  
retratos antigos de meus avós.*

*Salas íntimas, acolhedoras,  
de mobiliário simples — quase vulgar.  
Livros, umas raras porcelanas*

*procedentes de Limoges; relógios  
que não se cansam de bater...*

*Alcovas, quartos silenciosos...*

*(Aquele quarto de esquina  
sombreado de mangueiras...)*

*Paredes que viram nascer gerações  
e viram mortes, aflições.*

*Corredores compridos, úmidos, sem luz,  
atravancados de malas enormes,  
arcas disformes  
que foram de alguma avó. Uma cruz  
trazida da Madeira; duas espadas cruzadas  
que foram de algum avô.*

*Fuliginosas cozinhas  
nas quais se preparou  
e ainda se prepara  
o nosso farto, o nosso louro pão.*

*Oh, velha casa, berço meu !  
Casa branca,  
nobre e franca,  
és aquela que Deus me deu !*

*Pelo pomar ainda construções:  
adegas ruinosas, cocheiras,  
paiós de sapé, currais, capoeiras...  
Aqui dourados laranjais,  
ali sombrios bananais.*

*Duas romanzeiras mirradas  
que nunca se abriram em flor.  
Copadas mangueiras amigas,  
figueiras nodosas, tão antigas  
que nem se sabe quem as plantou...  
Casa de grandes terras  
que se alongam pelas serras  
e vão bem longe acabar...*

*Oh, velha casa, berço meu !  
Casa branca,  
nobre e franca,  
és aquela que Deus me deu !*

## A CANÇÃO DO LAVRADOR

### A MEU PAI

Não rias por ser rude o meu ofício,  
sou lavrador !

São negras minhas mãos,

calejadas, duras,

rachadas de umidade,

encarquilhadas, feias...

Evocam, porém, todo um fecundo passado  
de lavradores, da terra nacidos  
e na terra desaparecidos.

Não rias por ser rude o meu ofício.

"E' um dom do céu cavar a terra!"

Dias inteiros, semanas, meses, anos,  
passaram sobre mim... Causaram danos.

Ventos cortaram minhas faces,  
chuvas lavaram meu corpo suarento  
e o sol, o bom sol, o fez secar de novo.

Aqui estou firme. Dobrado sobre a terra,  
cavando-a, semeando-a, regando-a com suor  
e às vezes com meu pranto.

Sim, sou da terra !

Se choro por ver nela enterrados os que amei,  
sem ela não me rio  
e não vi sorrir jamais os que me amaram.

Não rias por ser rude o meu ofício !

Lavro a terra,  
sou quasi a própria terra !

## MACUMBA

Bum... bum... bum, bum, bum...

Estranho clamor  
de surdo tambor,  
enche a noite de horror.

Bum... bum... bum, bum, bum...

Sentados em círculo,  
com vozes roufenhas,  
treze negros invocabam  
os espíritos da noite.

(Iemanjá, branca Iemanjá !

Vem chegando Iemanjá.

Quando a rainha chegá,  
ninguém mais pôde falá.

Iemanjá, branca Iemanjá !)

Bum... bum... bum, bum, bum...

Era a macumba  
vibrando a zabumba  
num surdo vibrar :

Bum... bum... bum, bum, bum...

Rodopiavam pandeiros,  
roncavam cuicas  
e a negra magia  
era horror, era orgia.

Bum... bum... bum, bum, bum...

No centro da roda,  
um bode estendido  
deixava escorrer  
da fenda do peito,  
que punhal furara,  
um filete de sangue  
negro como a noite.

(Uma galinha sem penas,  
duas caveiras inteiras,  
angú, farofa, marafa,  
para o culto de Exú.

Panos de cores berrantes,  
arruda, contas de vidro,  
velas brancas de cêra,

*para o culto de Ogum.*

.....  
.....  
*No chão preparado  
com pemba riscado  
e azeite molhado,  
uma negra pulou.*

*Pulou e rodou  
e ao ouvido do chefe  
falou:*

— *Despacho Nhônhô !*  
— *Despacho Nhônhô !*  
— *Pru móde quê ?*  
— *Pra meu homi dêxa  
a ôtra muié !*

*O chefe ordenou,  
a dança começou .....  
e tudo vibrou.*

.....  
.....  
*A negra no meio,  
ao redor, os demais.  
sambavam agitados*

*a cantar, a chorar.*

*A queixosa pulava,  
gritava,  
chorava,  
remexia as cadeiras,  
rotundas e moles.  
Arregaçavam-se-lhe as saias,  
balançavam-se-lhe os seios  
e ela bailava,  
e cantava,  
e cansada,  
sem fôlego,  
palpitava.*

.....  
*Bum... bum... bum, bum, bum...*

*Era a macumba,  
vibrando a zabumba:  
Bum... bum... bum, bum, bum...*

*Gaitas antigas  
sopravam cantigas  
de invocação...  
E os cães apavorados  
ganindo desesperados*

*pressentiam a assombração.*

Sòmente a lua,  
brilhante e nua,  
indiferente,  
rondava o céu.

No terreiro, se arrastando,  
chegava bufando,  
gemendo, fungando,  
o espirito do Além...

— *Ai, êle vem, êle vem, êle vem!*  
— *Ai, êle vem, êle vem, êle vem!*

No auge da histeria,  
da selvageria,  
em transe caiam  
os negros no chão.

Gargalhavam, choravam,  
gemiam, gritavam:  
— *Ai, êle vem, êle vem, êle vem!*  
— *Ai, êle vem, êle vem, êle vem!*

Por fim, já cansado,

— 24 —

*o espirito invocado*

*embrenhou-se no Além...*

*Tudo acabou.*

Sòmente a lua,  
brilhante e nua,  
não se cansou.

1941

— 25 —

## SAUDAÇÃO A PORTUGAL

Por tudo que és  
e pelo que foste,  
por Afonso Henrique,  
o assanhado guerrilheiro;  
pelos Sanchos povoadores,  
por D. Dinis, o poeta lavrador,  
e mais outros Afonsos destemidos;  
por D. Pedro, o Cru,  
mas que só o foi por muito amar;  
e Manuel, o Venturoso,  
que só o foi por não amar...  
  
Por Pedro Alvares Cabral,  
o descobridor sem igual,  
e mais o ilustre Gama  
que abriu o destino dos mares  
e foi além, muito além da Taprobana...  
  
Por todos os teus filhos anônimos,  
mas que te glorificaram e deram nome;  
por teus piratas e aventureiros,  
que assombraram a Europa inteira

e amedrontaram a negra África  
e os rajás da velha Ásia...  
pelos fidalgos de brasões  
que se lançaram ao desconhecido  
e desbravaram sertões,  
para domar, povoar, civilizar  
terrás estranhas, bravias...  
  
Pela ralé  
que saiu dos teus portos,  
faminta, injuriada, acusada,  
mas, que ainda assim deu alma nova  
às paragens insólitas onde pisaram;  
pelos espíritos fulgurantes  
de Aspilcueta, Nóbrega e Anchieta  
e tantos outros nomes que não guardei  
nem aprendi nas escolas por onde andei;  
por teu amor incontido, mal disfarçado,  
— quasi derriço — por esta plaga americana...

Por tudo que és  
e pelo que foste,  
eu te saúdo, Portugal !

Por teus filhos iluminados,  
Santos, poetas, escritores,

*Camões, comparado a Vergílio,  
Dante, Homero, Shakespeare;  
por Gil Vicente, o autor-ator;  
por Garrett e Herculano,  
Castilhos, Camilo Castelo Branco  
com seus romances de amor;  
pelo delicioso Jacinto,  
aquele príncipe elegante  
sufocado entre livros e raridades francesas  
na viciosa Paris;  
por Fradique Mendes, o erudito  
e Gonçalo Mendes Ramires  
"de quinzena de linho e chinelos  
na Tôrre de Santa Irenéia..."  
Pelos Maias de Benfica e Santa Olavia  
que passaram ao Ramalhete  
e deslumbraram Lisboa  
com seu luxo e tradições;  
pelo padre Amaro, João da Ega, Dalmaso,  
a brasileira Maria Eduarda... Deus meu !  
— por todo este mundo fantástico do impiedoso Queiroz;  
por Julio Diniz, o campesino, quasi feminino,  
pelo truculento Ramalho e tantos mais.*

*Por tuas relíquias guardadas ou perdidas  
nos casarões das Janelas Verdes;  
por Queluz, Sintra, a Ajuda...  
Por teus castelos ameiados: Guimarãis,  
(berço do Fundador, ereto ainda),  
Almourol, Óbidos, Feira, Leiria,  
cujas pedras patinadas  
guardam lembranças gloriosas  
de batalhas e partidas,  
torneios, caçadas, vinganças;  
pelas igrejas e conventos:  
Jerônimos, a pedra rendilhada,  
a Batalha, poderoso testemunho  
da vitória cristã...  
Pelo Porto orgulhoso,  
a branca Evora já tão velhinha  
que nem idade mais tem...  
Por Coimbra com a Universidade  
de embuçados estudantes...  
Por tudo que és  
e pelo que foste,  
eu te saúdo, Portugal !*

Pela terra florida,  
brejeira, hospitaleira, garrida;  
por teus campos de trigo,  
pelos vales de oliveiras  
e as encostas de vinhedos  
cujo vinho tão puro,  
seja o verde ou o maduro,  
inveja mesmo faria  
ao velho Baco, pagão...

Por tua gente bonita  
que verseja, canta e grita  
e trabalha sem descanso  
nos campos fartos de sol,  
por esta gente chã, mas forte,  
e destemida, e valorosa.  
  
Pelos minhotos risonhos,  
os poveiros salgados,  
as lavadeiras das Beiras;  
por teus homens atrasados,  
cândidos, tacanhos — digamos !  
— mas férteis, viris, afortunados,  
que vão da corrida de touros  
e mares encapelados

ao langor triste do fado,  
às rezas cheias de fé.  
  
Por tuas raparigas coloridas,  
cheirando a feno, alfazema, alecrim.  
Por tuas velhas estouvadas,  
palradeiras, resignadas,  
e mais ainda pelas tradições dos teus costumes  
conservados, alguns quasi intactos,  
nas velhas quintas idílicas  
da decantada província...

Por tudo que és  
e pelo que foste,  
eu te saúdo, Portugal !

Por Lisboa, a capital.  
Pelo Tejo histórico e a Torre de Belém  
que aos poucos se veste de escura fuligem  
como se fôra luto pelos filhos perdidos;  
pelo traçado elegante da Baixa,  
o Arco da rua Augusta, o Rocio,  
a Avenida da Liberdade, aquelas ruelas  
de alcunhas sugestivas, tão saudosas...

Travessa das Bruxas, da Espera,

*P O E M A S*

I

A JUREMIRA.

Travessa da Agua de Flor,  
Rua das Gaivotas, da Fé, da Saudade...  
  
*Pela Alfama e a Mouraria da Severa,*  
*com casas antigas de enferrujados varandins,*  
*pelos telhados vermelhos que sobem os morros*  
*e dão um ar tão festivo à paisagem lisboeta;*  
*pelas varinhas, acompanhadas aonde passam*  
*de enormes gatos famintos;*  
*pelo fado triste que traduz toda a saudade*  
*indefinível e incontida*  
*da alma lusitana...*

*Por tudo que és  
e pelo que foste,  
eu te saúdo, Portugal !*

*Alegria de sentir-me só,*  
*de possuir, para mim, exclusivamente,*  
*as minhas emoções;*  
*de chorar, de gritar desesperadamente*  
*sem que me venham consolar.*

*Alegria de mostrar ao sol*  
*a face em lágrimas lavada*  
*sem dela me envergonhar...*

*De rir... de rir como qualquer louco,*  
*de rir tanto, tanto, tanto,*  
*como ninguém pôde inda rir !*

*Alegria de sentir-me invisível*  
 **e de ouvir como se mente*  
*para esconder o que se sente*  
*no perturbado coração.**

*Alegria de caminhar sózinho*  
*pela tarde calmosa,*

*ou pela lóbrega noite tempestuosa...*

*Ser o próprio caminbo  
onde o homem passa e torna a passar.*

*Doida alegria de amar,  
de amar desordenadamente  
como um bicho qualquer.*

*Amar! Mas amar!...*

*Dar o coração, apenas dar...*

*Vendê-lo, martirizá-lo se o quiser...*

*Alegria de não partilhar meus tesouros,  
de guardá-los avaramente,  
ou de entregá-los, indiferente,  
ao desconhecido que os pedir.*

*Volúpia de me governar,  
de poder seguir esta rua ou aquela...*

*De seguir sempre ou de voltar...*

*Ingênua alegria de comprar,  
Comprar, comprar, comprar...  
Qualquer coisa, inutilidades, absurdos:  
folhas e folhas de colorido papel fino,  
cestos e cestos de morangos vermelhos,  
molhos e molhos de cravos,  
e braçadas de livros  
e sacos e sacos de pão.*

*Comprar... Sem nenhuma razão justificada*

*— apenas comprar!...*

*Dôce alegria de rezar,  
horas inteiras, dias a fio,  
desfiando rosários, decorando missais.  
para o bom Deus agradar.*

*Alegria, enfim, de poder viver,  
integralmente e sem remorsos  
a vida apetecida no momento.*

*... Depois então o inevitável:  
a paz, o esquecimento,  
a terra fria sobre os ossos.*

*Alegria de poder morrer  
quando se pôde, um dia, viver !*

1948

II

A Goia

*Tudo me foi roubado.*

*Só deixaram, (nem sei por que deixaram),  
a imagem daquilo que eu amei.*

*... Se queres entrar, Amigo, a porta está aberta,  
nunca mais a fechei.*

Entra. Já não tenho segredos escondidos...  
Vê, nada ficou... Apenas a imagem diluída  
— quasi a apagar-se — daquilo que eu amei,  
Apenas o desejo inútil de reavivá-la,  
A louca esperança de retê-la um pouco mais...  
... Se queres entrar, Amigo, a porta está aberta...  
Outra coisa não tenho para oferecer-te,  
mas, se queres, leva contigo a imagem diluída  
— quase a apagar-se — daquilo que eu amei.

1949

O mundo é assim,  
paradoxal, louco, ruim.  
Nada é eterno, tudo muda.  
A própria dor se transmuda  
em horas loucas de prazer.  
O céu só é azul porque foi pardo  
e o mar só é calmo porque se agitou...  
Tu que condenas meu paradoxo,  
só podes afirmar  
por já teres negado

1942

III

A ELIEZER MÛRAT DO PILLAR.

Talvez tenhas razão.  
E' possível que ninguem me queira,  
que eu não tenha coração.  
Se minha vida é contraste,  
não te zangues, o mais também é poeira.  
... Se me afirmo negando,  
se me nego afirmando,  
em nada sou diferente  
de ti, de toda esta gente.

— 36 —

IV

Sigo pelo velho caminho sem fim  
e vou tropeçando nas mesmas pedras soltas  
em que outros tropeçaram antes de mim !  
Encontro os mesmos atalhos cheios de voltas,  
as mesmas árvores frondosas  
— até figueiras nodosas  
que me lembram traição.  
Há vestígios dos que passaram pelo chão :  
aqui, um punhado de tôlas vaidades,  
ali, um ramalhete murcho de saudades...

— 37 —

*Vou seguindo. Meus sapatos eu os arremessei ao abismo.*

*Tive medo que pesassem*

*e me atrasassem*

*na hora do cataclismo...*

*Aos poucos que encontrei, trôpegos, cansados,*

*ofereci os meus pertences dourados,*

*a minha lira partida...*

*Nada quero levar senão a minha alma dorida*

*neste longo estirão...*

*E' a lei!... Depois de mim outros virão.*

1947

## *TUDO É MEU...*

*Este solo rico onde naci,*

*de terras negras e encarnadas,*

*Este solo é meu e por êle sofri !*

*Meu é este bosque de mangueiras copadas*

*em cujas sombras das ramadas*

*pela primeira vez eu te vi;*

*é este azul que me cobre,*

*este oceano, vasto e nobre,*

*de brancas ondas macias*

*que ao sôpro das ventanias*

*se tornam loucas, fatais.*

*Minhas, aquelas serras que tocam o céu;*

*as florinhas dos laranjais*

*que as noivas trazem no véu.*

*Meu é este ar embalsamado de abril*

*que me entontece;*

*este sol, a chuva fértil,*

*a brisa que entremece,*

*as borboletas douradas,*

*as rôlas em revoadas*

*que passam pelo jardim.*

*Tudo, tudo é meu! Até esta amargura  
que me invade e me tortura...*

*Até isto é meu, é bem meu e não tem fim!*

1946

## MISTICISMO

I

*Toda manhã passei brincando  
com bolas de vidro e conchas do mar;  
minha tarde eu a esbanjei cantando  
sob o velho bananal do pomar.*

*Antes da lua surgir,  
julgando-me invulnerável e forte  
fiz estranhos discursos sobre a morte  
para quem não me queria ouvir.*

*Agora, Mestre, que a noite caiu sobre o mundo,  
que tudo é silêncio profundo,  
lembro-me de ti. Trêmulo de medo,  
faço-me bom, faço-me quedo,  
para merecer teu perdão.*

*Mas já não te condói o meu pranto  
e foges de mim com razão !*

*Neguei-te tanto, Mestre, tanto...*

1947

## O CAVALO BRANCO

*Quem é este, Mestre,  
que me olha através das nuvens brancas ?*

*Quem é este, Mestre,  
que me segue pela floresta  
com passos macios que mal distingo?*

*Ele me enxuga as lágrimas  
e me aquece o coração;  
ele canta para mim  
e vigia o meu sono até o amanhecer.*

*Quem é este, Mestre,  
que nunca se mostrou à luz do dia  
nem na escuridão da noite se mostrou ?*

*Ele apenas faz sentir a sua presença  
pela brisa que embala e acaricia,  
pelo perfume da flor desobrachada.*

*Quem é este amigo, Mestre,  
cuja presença invisível é uma graça  
e cuja ausência é um castigo?*

*Cavalo branco de neve  
Que eu vejo sempre chegar,  
Muito branco, muito leve,  
Galopando sobre o mar.*

*Cavalo branco encantado  
Donde vens, para aonde vais?  
Quem levas em ti, montado,  
Para longe dos mortais?*

*Belo cavalo de prata,  
Também quero galopar,  
Pela serra, pela mata,  
Pelo mundo do luar...*

1947

1947

## TÉDIO

*Oh, é terrível tudo isto que sinto !  
E sinto tanto tudo isto,  
que já nem sinto tanto como senti.  
Se choro, minha dor não recrudece,  
se rio, minha dor não diminui.  
Fico assim sem chorar, sem rir...  
Olhando, olhando tudo,  
sem saber que olho;  
morrendo, morrendo aos poucos,  
sem saber que morro.  
Oh, é terrível tudo isto que sinto !  
Esta cruel angústia de avançar,  
de galgar sem mover um passo;  
de voltar,  
de voltar correndo ao que passou,  
sem o poder nunca encontrar.*

1941

— 44 —

## INDIFERENÇA

A JOSÉ JAMBO DA COSTA.

*Há quem goste de passear ao longo do cais.  
Há os que preferem sentar-se  
para olhar os que vão e os que vêm.  
Há ainda os que se debruçam na amurada  
e perdem a vista na linha do horizonte...  
Eu apenas passo pelo cais.  
  
Há quem perca horas inteiras olhando o céu.  
Há os que acreditam na queda das estrelas,  
há ainda os que nunca as olharam...  
Eu apenas passo sob o céu.  
  
Há quem adore a floresta.  
Há os que a odeiam sem razão.  
Há ainda os que a desconhecem e a temem...  
Eu apenas passo pela floresta.  
  
Há quem viva para amar.  
Há os que amaram e não querem mais amar.  
Há ainda os que nunca amaram...  
Eu apenas passo sobre o amor.*

1941

— 45 —

## INGRATIDÃO

O vento que passava  
gemeu, terrível, nas janelas do meu coração.

Fazia tanto frio que eu, compadecido,  
abri a porta e o fiz entrar...

(Ob, por que o fiz entrar?)

Ele dispersou pelo chão  
as folhas do meu livro;  
soprou para a noite  
os versos de amor que eu rimara  
e arrancou, furiosamente,  
da minha lembrança,  
o último retrato  
que guardava de ti.

Depois rodou...

Rodou... rodou... rodou...  
e foi-se, rodando,  
pelas janelas do meu coração.

O sol que nacia  
brilhou, esplêndido, no jardim do meu coração.  
Era tão belo a brilhar  
que eu, deslumbrado,

abri a porta e o fiz entrar...

(Ob, por que o fiz entrar?)

Ele queimou as flores bonitas  
da minha ilusão;  
matou as esperanças  
que vicejavam em meu jardim  
e, na sua orgia de luz,  
cegou os últimos olhos  
que olhavam para os meus.

Depois brilhou...

brilhou... brilhou... brilhou...  
e foi-se, brilhando,  
pelos portões do meu coração.

A chuva que caía  
chorou profundo no telhado do meu coração.

A tarde era tão feia, que eu, compadecido,  
abri a porta e a fiz entrar...

(Ob, por que a fiz entrar?)

Ela apagou as brasas  
do nosso amor;  
lavou os vestígios  
que ainda restavam de tua presença  
e, inclemente, limpou-me

*dos últimos pecados,  
aqueles deliciosos pecados,  
que me ajudavam a viver...  
Depois chorou...  
chorou... chorou... chorou...  
e foi-se, chorando,  
pelas janelas do meu coração.*

1941

## CANÇÃO

*Sentei-me à sombra da mangueira.  
As flores, que caíam, coroavam meus cabelos...  
Foi por isso que gargalhaste  
ao passares por mim ?*

*O rio estava calmo.  
As ondas rolavam, tranqüilamente,  
levando velhas folhas amarelas...  
Eu olhava o rio,  
absorto, todo cheio daquela tarde de estio...  
Foi por isso que gargalhaste  
ao passares por mim ?*

*A chuva cessara.  
A terra, úmida, cheirava  
a fecundidade;  
o arco-iris refletia-se no lago  
e eu tentava pintá-lo  
em minha tela nua...  
Foi por isso que gargalhaste  
ao passares por mim ?*

*A noite era clara.*

*O céu enfeitava-se de estrelas*

*como num dia de gala.*

*A brisa, uma brisa de maio,*

*era leve e fazia voar*

*meus pensamentos...*

*Foi por isso que gargalhaste*

*ao passares por mim ?...*

## *D E S P E I T O*

*Não importa que ames a outro,*

*nem me entristeço se passas toda entregue ao novo amor,*

*Não queiras fingir ! . . .*

*Sei que teu coração chora no peito*

*quando sorris ao novo amado*

*e tremes toda de prazer sem fim,*

*quando me encontras no caminho.*

*Tola ! Já não quero tuas carícias*

*nem teus beijos que amargos se tornaram.*

*Teus olhos perderam o encanto de serem olhados,*

*tua boca está toda em sombras de tristeza.*

*Teus braços, se pertencem a outro, agora,*

*foram meus, bem meus, outrora.*

*Teu corpo inteiro vibrou louco de luxúria*

*sob meus beijos, meus afagos.*

*Não importa que ames a outro*

*nem me entristeço se passas toda entregue ao novo amor.*

*Mesmo que de mim só te restasse ódio,*

*de ti, em mim, nem mesmo ódio resta.*

## NOTURNO

A ILSE

*Apenas uma noite de abril  
— como tantas outras. Apenas o silêncio comum...  
Entanto, meus braços se alongam para a noite,  
se alongam em busca de alguém.  
Apenas uma noite de abril,  
entanto, ando sem cessar: Um, dois, três...  
Um, dois, três... Nem milhões de passos  
acalmariam os compassos do meu coração.  
Apenas uma noite de abril,  
entanto, sobre a mesa, entre molhos de cravos,  
— o teu retrato, que eu havia perdido...  
(Lábios entreibertos,  
olhos semicerrados,  
mãos compridas, nervosas...)*

*Não. Não! E' apenas uma noite de abril,  
são apenas cravos que eu tenho nas mãos.  
Um, dois, três... São apenas cravos... Um, dois, três...  
Ando sem cessar... Nem milhões de passos  
acalmariam os compassos do meu coração.*

1949

— 52 —

## AO DESTINO

*Amei, amaste.  
Chorei, choraste.  
Houve um tempo feliz  
em nossa vida:  
quando eu te quis  
e tu me quiseste, querida!  
Depois veio o fastio,  
— morno interesse em coração vazio.  
A infidelidade, esta coisa banal,  
que nos degradou e foi fatal.  
Pequei, pecaste.  
Errei, erraste...  
Passou a primavera, o desvario,  
o escaldante verão, o crime, o cío...  
Quando passar o outono modesto  
e vier o longo inverno funesto,  
diremos nós  
a meia voz:  
Cheguei, chegaste!  
Findei, findaste!*

1949

— 53 —

SEXETO

*Se a tua lâmpada se apagar,  
não a acendas, peço-te, serei a tua LUZ !*

*Se o teu jardim fenece,  
não o renoves, peço-te, serei a tua FLOR !*

*Se a tua vida se extinguir,  
não a ressuscites, peço-te, serei a tua MORTE !*

1943

TERCETOS

PARA MINHA FILHA

*Não me peças para te olhar.  
Meus olhos estão cheios de lágrimas...  
e eu tenho vergonha !*

*Não me peças para te falar.  
Minha voz perdeu-se na garganta...  
e eu tenho vergonha !*

*Não me peças para te amar.  
Meu amor é ingênuo, muito ingênuo...  
e eu tenho vergonha !*

1946

RIMAS

A AFFONSO

*Infância,*

— um brinquedo quebrado... quanta distância!

*Adolescência*

— um tolo desejo de ser gente... muita irreverência!

*Mocidade,*

— um grande amor desfeito... tanta crueldade!

*Depois anos e anos*

e não bastando tantos desenganos

ainda a velvite, no fim, como castigo.

... A vida é um crime, meu amigo.

1948

— 56 —

QUASI NADA

*Lá fora, a dança da poeira,  
o dia todo, a tarde inteira.*

*Aqui, este desejo incerto,  
esta vontade quieta  
que nunca se completa.*

*Lá fora, um mundo feio, deserto.*

*Aqui, um corpo frio, liberto.*

1949

— 57 —

## CARNAVAL

*Disfarces ingênuos, lentejoulas,  
máscaras ridículas, bem tolas.  
Sentimentos reprimidos, desejos,  
que, enfim, podem nacer, enfim, viver...  
Vê, lá vai Pierrot com uma cigana aos beijos...  
Deixa-me vir! Tâmbem quero esquecer.*

1948

— 58 —

## POEMETOS

PARA MEU IRMÃO ATHAYDE

*Falaram-me de pérolas nunca vistas...  
Pérolas divinas... Infelizes!  
Que diriam se vissem as tuas lágrimas?*

2

*Não me condenes por não ter reparado na lua cheia...  
Teus olhos brilhavam junto a mim.*

3

*Quando esqueço quem sou,  
lembro-me de ti e conheço quem és.*

4

*Já não me confundes, ó Mestre,  
apagando de vez em vez a tua luz.  
Conheço também as trevas daquele que me conduz.*

5

*Eu te ouvi, ó meu Bem Amado,  
e segui a tua voz pelo caminho.  
Não comprehendo, porem, nem adivinho,*

— 59 —

*por que mistérios tens, por que razão suprema,  
bás-de amar tambem ao que blasfema...*

9

6

*Conhecer-te é o único desejo que me abrasa,  
mas, se eu não puder entrar em tua casa,  
não te zangues comigo.  
Deram-me braços, mas nenhum a asa.*

7

*Aonde vais, Eterno Viajor ?  
Que buscas com tanta ansiedade ?  
Descansa ! Fica entre nós.  
Que poderás encontrar alhures,  
que não tenhas aqui ?*

8

*O rei coberto de ouro,  
do alto do miradouro,  
olhava o povo com desdem.  
A brisa que era livre, passava  
e aos ouvidos do rei cantava :  
"Tu morrerás, ó Rei, tu morrerás tambem."*

— 60 —

*Adeus !*

*O sol se põe no horizonte infinito  
e a tua voz, inútil, mais parece um grito.*

*Adeus !*

*Gastamos todas as nossas palavras,  
e nada foi dito !*

10

*Soltei meu canário dourado e disse :  
"Vai, vôa bem alto. Chega ao Céu  
e dize lá que eu quero ser feliz."  
... Mas, os canários de gaiola não sabem voar.*

11

*Se a única certeza é a morte,  
avança, amigo, aproveita a sorte.  
Se a razão melhor é a do mais forte,  
a injustiça, o fraco que a suporte.*

12

*Repeti as tuas palavras quando partiste.  
Decorei-as uma a uma... Mentiste ?  
Que importa ? A mentira é mais linda nos teus lábios  
que a verdade na voz rouca dos sábios.*

— 61 —

Negaste-me a palavra fundamental,  
e, porque eu chorasse,  
zombaste de mim, do meu ar sentimental.  
Mais tarde, quando a disseste — para o teu mal  
— alguém se riu de ti, achando-a banal.

Quando eu me decidi morrer para o mundo  
— floriu o laranjal.  
Como poderei, agora, arrebentar estas correntes  
que me prendem,  
se é todo branco, de flores, o meu pomar ?  
Oh! por que floriu tão cedo o laranjal?...

## SOLDADO VITORIOSO

*Soldado silencioso,*  
*são teus todos os louros.*  
*Soldado libertado*  
*de pátrias, chefes e lares,*  
*são tuas as glórias da vitória.*  
*Soldado desconhecido*  
*que não será mais chorado*  
*e poucas vezes lembrado,*  
*é teu o verdadeiro Triunfo.*  
*E' teu o troféu vencedor,*  
*a maior das conquistas...*  
*Conquistaste a Eternidade.*  
*Soldado emudecido,*  
*bravo soldado esquecido,*  
*conquistaste o Silêncio.*  
*Soldado vitorioso,*  
*são para ti os meus versos.*

1942

## ÚLTIMA SOMBRA

*Se me convidas, eu vou!  
Há muito perdi o medo.  
Podes zombar, podes ir, que importa?  
Meu destino é um só e não me iludo contigo.  
  
Não me levas, que importa?  
Outras me levaram e riram de mim...  
Fui roubado e ferido.  
Nos caminhos tenebrosos deixaram-me só.  
Abandonaram-me no mar imenso  
e o vento me aceitou...  
  
Se me convidas, eu vou! Vou,  
porque já não tenho aonde ir.*

1944

— 64 —

## ÍNDICE

<i>Na Ara de Apolo</i> .....	5
<i>Minha Gente</i> .....	13
<i>Minha Casa</i> .....	14
<i>A Canção do Lavrador</i> .....	18
<i>Macumba</i> .....	20
<i>Saudação a Portugal</i> .....	26
<i>Poemas</i> .....	33
<i>Tudo é meu</i> .....	39
<i>Misticismo</i> .....	41
<i>O Cavalo Branco</i> .....	43
<i>Tédio</i> .....	44
<i>Indiferença</i> .....	45
<i>Ingratidão</i> .....	46
<i>Canção</i> .....	49
<i>Despeito</i> .....	51
<i>Noturno</i> .....	52
<i>Ao Destino</i> .....	53
<i>Sexteto</i> .....	54
<i>Tercetos</i> .....	55
<i>Rimas</i> .....	56
<i>Quasi nada</i> .....	57
<i>Carnaval</i> .....	58
<i>Poemetos</i> .....	59
<i>Soldado Vitorioso</i> .....	63
<i>Ultima Sombra</i> .....	64

— N.º 33 —  
Alimento autor.

Tiraram-se dêste livro cem exemplares, numerados de 1 a 100, todos autenticados pelo autor.